

O "ESTRANHO" NAS PROJEÇÕES AFETIVAS CONTEMPORÂNEAS

Thaís Lydia dos Santos (UFRRJ)

thais.lydia@hotmail.com

Maria Fernanda Garbero de Aragão (UFRRJ)

nandagarbero@gmail.com

Quando falamos de projeções afetivas, tratamos da questão da idealização vinculada a alguém ou a algo com que temos contato, bem como a quem (ou a que) responde a um imaginário preenchido por infinitas hipóteses de afeto. As relações trabalhadas no presente trabalho vêm do campo mítico-afetivo, e tais objetos de afeto são bonecas. Através deles, há a possibilidade de pensar em narrativas fortemente marcadas por uma afetividade que parece surgir, ou melhor, engendrar-se, a partir do estranhamento. Para isso, trabalharemos com as seguintes obras: os contos "O Homem de Areia", de E. T. A. Hoffmann; "A Boneca" (em *O Livro de Praga*, Companhia das Letras, 2011), de Sérgio Sant'Anna; e o romance *O Único Final Feliz para uma História de Amor é um Acidente* (Companhia das Letras, 2010), de João Paulo Cuenca.

I. As narrativas

Em "O Homem de Areia", de E. T. A. Hoffmann, encontramos com uma personagem que vive atordoada por uma figura que, de determinada visão, pode-se julgar imaginária, o Homem de Areia. Tal figura que Nathaniel, a personagem, encontra no decorrer da sua vida provém de uma história contada por sua babá quando criança e que se intensifica com a morte misteriosa de seu pai, uma vez que se acredita culpado por tal fatalidade. Na história, o Homem de Areia é alguém que joga areia nos olhos das crianças para roubá-los e alimentar seus filhos. Mesmo com a ida de Nathaniel pra a Universidade, a figura assustadora não se ausenta de sua vida, e a imagem do pai morto com os olhos arregalados configura uma fantasmagoria ininterrupta em sua memória que acaba se manifestando através de ataques da personagem. Ainda assim, em meio a isso, vive uma possibilidade de afeto com quem pensa a ser filha de um professor.

Em "A Boneca", conto de Sérgio Sant'Anna, o narrador/personagem, Antônio, em meio ao caos vivido em Praga, parece encontrar-se em

plena crise de identidade. Suas experiências corpóreas e a exaltação de seus desejos acabam se confundindo com as perspectivas criadas por ele, o que resulta na sua desorientação.

Considerando essas falhas de estabelecer contato afetivo com uma segunda pessoa, acaba se apegando a uma boneca de pano que encontra na loja de lembranças do teatro, onde assiste ao espetáculo *Aspects of Alice*. A boneca, no entanto, é Gertrudes, sombra de Alice.

Em *O Único Final Feliz para uma História de Amor é um Acidente*, narrativa que se passa em Tóquio, Shunsuke vive com a impressão de ser vigiado por seu pai, o Sr. Okuda, misterioso personagem que parece ter pleno controle sobre a vida do filho, demonstrando instantes de onisciência e onipresença, poderes que se refletem no comportamento de Shunsuke em relação a ele, o qual parece saber de tudo que o filho faz. A personagem, perseguida pela necessidade de possibilidade afetiva, se conecta a Iulana e ambos compartilham desse afeto até que sofrem um acidente e ela acaba morrendo. Ele, considerado um estorvo pelo Sr. Okuda, a quem chama também de Lagosta Okuda, fica paraplégico. Um dos pontos mais interessantes da narrativa é a relação afetiva estabelecida por seu pai, aspecto relevante no presente trabalho.

2. O estranho nas possibilidades afetivas

Nesta análise, a teoria do estranho, de Sigmund Freud, será tratada através da construção de uma possível relação afetiva das personagens com um objeto inanimado.

Sobre o tema ‘estranho’, Sigmund Freud diz: “Relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror.” (FREUD, 1980, p. 237)

Na primeira narrativa apresentada, apesar de já ter uma noiva, Nathaniel se conecta a outro objeto afetivo, Olympia. Sem saber do que se trata, a personagem vê Olympia como uma oportunidade de afeto breve, limitada a esse período. O primeiro aspecto que mais chama sua atenção são os olhos: “Não me pareceu que ela tivesse me visto e de fato havia algo fixo em seu olhar como se, posso dizer, ela não tivesse o sentido da visão.” (HOFFMANN, 1998, p. 246)

Na verdade, trata-se de um autômato⁶⁴ criado conjuntamente por Spalanzini, um professor da Universidade, e Coppola. Sem ter consciência disso, Nathaniel se apaixona por Olympia e por seus olhos vazios.

Na segunda narrativa, o conto, o apego de Antônio em relação à boneca Gertrudes se relaciona com a peça à que assistiu. Nela, Gertrudes é a sombra de Alice que acaba ganhando vida própria e se separando do corpo da personagem. Antônio se encanta com a cena e isso acaba abrindo a possibilidade de identificação com a sombra. A projeção afetiva acontece quando encontra uma boneca de pano que representa personagem-sombra.

Na narrativa de João Paulo Cuenca, o objeto de afeto em questão é uma “Real Doll”⁶⁵ comprada pelo pai de Shunsuke, o Sr. Okuda. Nela, encontram-se características da falecida mulher da personagem, objetivo por que foi produzida.

Em diálogo com a citação que abre o trabalho, ter uma boneca como objeto afetivo desencadeia a questão imaginária das personagens, uma vez que todos projetam seus desejos e necessidades nesses objetos, o que acaba parecendo para terceiros algo assustador e, com isso, estranho.

Em “O Homem de Areia”, Nathaniel vê Olympia como uma garota. A necessidade que tem não permite ver o que os outros veem, como seu amigo Sigmund:

Se qualquer modo, é estranho que todos nós pensemos o mesmo sobre Olympia. Para nós, por favor, não me leve a mal, irmão, ela parece bastante estranha e sem vida. É verdade que tem um belo corpo e um belo rosto. Ela poderia ser considerada bonita se o olhar dela não fosse completamente morto - sem o poder da visão. O caminhar dela é estranhamente regular, com os movimentos aparentemente precisos de um relógio. Sua maneira de tocar e de cantar tem o mesmo ritmo desagradavelmente correto de um caixinha de música, e o mesmo pode ser dito de seu jeito de dançar. (HOFFMANN, 1998, p. 259)

⁶⁴ Máquina produzida a fim de imitar movimentos de um corpo animado.

⁶⁵ Boneca inventada com o objetivo de recriar características físicas da forma humana do sexo feminino e masculino. Tem como principal função servir como objeto sexual. Um dos maiores fabricantes é a indústria Abyss Creations em San Marcos, Califórnia, responsável por um número considerável de exportações de seus produtos. Inicialmente feitos de látex, esses bonecos tiveram seu material mudado para silicone tradicional e, em 2009, passaram a ser produzidos com silicone utilizado por médicos em cirurgias, com o intuito de diminuir o possível risco de danos.

Quando, finalmente, a personagem vai ao encontro de Olympia com o propósito de saber se aquele sentimento era correspondido, depara-se com uma discursão entre o professor e Coppola, homem que se apresenta como um oftamologista, uma espécie de disputa para ver quem conseguiria possuir sua amada: “Nathaniel ficou paralisado; ele tinha visto com clareza que o corpo pálido como cera de Olympia não tinha olhos, mas buracos negros em seu lugar – ela era, de fato, uma boneca sem vida.” (HOFFMANN, 1998, p. 261)

É neste momento que Nathaniel percebe do que se trata: seu objeto de afeto é um autômato, uma boneca mecânica. Ao ver os olhos de Olympia, ainda amedrontado com a memória infantil a respeito do Homem de Areia, Nathaniel acaba tendo um de seus ataques.

Olympia acaba desencadeando um assombro infantil da personagem.

Em “A boneca”, quando chega a seu quarto, Antônio é arremessado a um infinito particular com memórias vagas, partidas. Auxiliado pelo fato de o objeto poder ser associado ao mundo infantil, suas memórias de quando era criança vêm à tona e despertam o interesse. A memória do passado acaba sendo rompida por fatos do presente e é nisso que podemos encontrar o estranho:

O território vedado e cheio de fascínio, ele sentindo que ali se aproximava de segredos maiores, embora faltasse algo naquelas bonequinhas, eram insatisfatórias, com seu rosto inexpressivo, seu corpo liso. Mas o atraíam, sim, mesmo com os que lhe faltava, e havia uma ou outra ocasião em que ele se esgueirava para aquele quarto sem nenhuma menina lá dentro e passava a mão nas bonecas, levantava suas saínhas, mas se decepcionando com o que não havia nelas. (SANT’ANNA, 2011, p. 87)

O fato de associar ao mundo sexual um objeto relacionado ao possível ensaio materno de uma menina, causa-lhe certa repulsa, mas ao mesmo tempo o atrai pra tal situação. Ao pensar na questão da memória do passado rompida pelo presente, também encontramos o Sr. Okuda, que encomenda sua Real Doll a fim de ocupar o espaço deixado por sua ex-mulher e com características semelhantes a ela:

A ordem da encomenda número 2358B, reproduzida em cinco vias que circularam por sessenta e cinco dias pelos diferentes departamentos da Luv-doll Inc., dizia que eu deveria ter olhos castanho-escuros (Pantone 4975C), pele aperolada #5, seios modelo senoide 220g com 92,5 cm de diâmetro, umbigo com 0,8 de profundidade e vagina extrapequena #2, com pelos púbicos em corte vertical, profundidade de 8 cam e cam de circunferência. (CUENCA, 2010, p. 10)

Além dessas características, a personagem deposita parte das cinzas de sua falecida mulher no interior da boneca.

Nas projeções afetivas apresentadas, encontramos ‘o estranho’ na possibilidade de vida que as personagens depositam nesses seres inanimados, aspecto que pode relacionar-se ao que Freud propõe sobre o “estranho”: “...o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1980, p. 238)

É possível relacionar o ‘familiar’ com algo que já vivemos e que ficou em algum momento marcado na memória, como uma cicatriz. Com Hoffmann, o familiar se encontra na relação que a personagem faz sobre a descoberta da identidade de Olympia, seus olhos jogados no chão, com a crença da existência do Homem de Areia, e a reboque transbordam todas as fantasias que foram projetadas sobre esta figura assustadora. Com efeito, refletem-se reminiscências da história contada por sua babá na infância, e o medo que surge com a suposta ausência dos olhos, do sentido da visão, causando os surtos de Nathaniel, rupturas que se relacionam com a possibilidade de castração e à angústia que há nessa perda.

Com Sérgio Sant’Anna, o ‘familiar’ é visto no resgate da memória infantil da personagem, refletida no presente. Ele acaba revivendo certas situações sem ter certeza do que de fato lhe acontece, como uma criança fantasiando determinada situação. Apesar de existir essa atração, ora lida como um *flash* dessa memória infantil, há o incômodo com a exploração sexual de um objeto do mundo infantil, do qual decorrem signos de inocência, não conjugáveis a uma situação como a que a personagem experiencia, marcada pela vergonha sublinhada na narrativa.

É a partir dessa rememoração que se aciona o arquivo afetivo mítico da personagem, ou seja, fatos que já viveu, sensações já conhecidas, porém nem sempre facilmente reconhecidas.

Apesar de ser um objeto infantil, Gertrudes vem acompanhada de algo que acaba desencadeando toda aquela situação: “Fazendo minha mão subir coxa acima da boneca, erguendo ligeiramente o vestido, dei com um acessório que me perturbou corpo e espírito: um liga preta, de um pano aveludado”. (SANT’ANNA, 2011, p. 89)

Alheio a sua memória e no encantamento que Gertrudes o fizera cair, Antônio traz para si a boneca e se deita com ela em sua cama com a desculpa de fazer com se sinta protegida. Mas, ainda sim, sentia a necessidade de tocar, conhecer Gertrudes, estabelecer intimidade, como a de

uma menina em relação a suas bonecas, sendo assim levado por uma projeção de afeto, engendrada sobre a possibilidade feminina sugerida pela imagem da boneca-sombra.

Na manhã seguinte, desperta como num susto com o barulho de alguém batendo à porta de seu quarto e se depara com Gertrudes a seu lado:

Mas fiquei muito surpreso e assustado ao perceber que, no meio das cobertas em desalinho, Gertrudes se encontrava toda descomposta, com a saia meio levantada, a liga à mostra. Seus cabelos caíam sobre um dos olhos, enquanto a parte superior do corpo estava semidescoberta, com dois botões desabotoados e um arrancado. Também o colarzinho fora rompido e contar se espalhavam pela roupa de Gertie e pela cama. (SANT'ANNA, 2011, p. 92)

Acusado de estar na companhia de uma criança por outros hóspedes do hotel, Antônio, confuso, afirma que a informação não é verdadeira. Em meio à confusão que a situação gerou, a personagem conclui que a voz da criança que ouviram era sua própria voz, reinventando-se em falas para a boneca. Através das narrativas das “testemunhas”, e imerso na necessidade de elaboração de alguém a quem compartilhar afeto, Antônio, pelo viés de sua imaginação, dá vida a Gertrudes.

Já, na narrativa de João Paulo Cuenca, *O Único Final Feliz* para uma História de Amor é um Acidente, o objeto afetivo, a boneca Yoshiko ganha vida através do discurso que o autor cria para ela, agregando-lhe memória e desejos. Com isso, a boneca adquire diversas falas durante a obra, as quais se constroem através da idealização que a personagem faz a respeito dela.

Desde a primeira fala, a boneca se mostra como um objeto aparentemente de uso sexual de seu dono, o Sr. Okuda, como se existisse apenas para servi-lo. Sua função é servir, e nada além disso: “Se o Sr. Okuda nunca houvesse aberto a caixa, nada existiria. O mundo só começou a partir do momento em que Sr. Okuda abriu a caixa e disse a palavra: Yoshiko.” (CUENCA, 2010, p. 9)

Yoshiko é uma projeção feita por seu dono de sua mulher que morreu anos atrás. Ela tem todas as características que esta tinha e essa rememoração do personagem a respeito da mulher abre margem para que esta tenha apenas uma função: a tentativa de sanar o vazio que Sr. Okuda sente. A boneca não tem outra utilidade que não seja tentar suprir as necessidades de seu mestre. Ela existe para ele:

Normalmente ele me chama de Yoshiko, que é o nome escolhido por ele e o nome com que vim ao mundo, mas às vezes me chama pelo nome da Sra. Okuda, que é Hiroko. Mesmo sabendo que não sou exatamente a Sra. Okuda, sempre respondo ao mestre. (CUENCA, 2010, p. 51)

Na narrativa, percebemos o ‘estranho’ através da possibilidade de retomada de algum fato passado, na tentativa de resgate da memória da Sra. Okuda plasmada em Yoshiko, esta que faz o possível para tentar se aproximar da falecida. Mais uma vez aciona-se o arquivo afetivo mítico de Sr. Okuda, para que se fizesse daquele objeto a semelhança, ou melhor, uma memória projetada sobre o desejo de alguém.

Apesar da semelhança dos objetos afetivos, todos inanimados, cada personagem desencadeia uma leitura de experiência diferente. Enquanto a boneca de Hoffmann pode ser vista como algo capaz de recuperar um assombro infantil, a de Sant’Anna lança mão da memorização de fatos que já aconteceram, utilizando de um objeto do mundo infantil e, por último, a de Cuenca é utilizada essencialmente na tentativa de suprir uma perda.

Apesar disso, o objetivo presente nestas projeções parece responder a sentidos afetivos correspondentes: a necessidade de se ter algo com quem compartilhar afeto, fato presente constantemente nas narrativas produzidas pela “Geração 00” da Literatura Brasileira, cenário em que o afeto delinea novas e instigantes miradas a respeito de uma configuração amorosa enviesada por estranhamentos e ressignificações.

Considerando os objetos afetivos em questão, a possibilidade de vida que as personagens depositam neles, conclui-se que muitos consideram tal situação estranha por não estar aparentemente ambientada em sua realidade, mas ainda sim há algo de familiar.

Da mesma maneira que uma criança utiliza da possibilidade vida de seus bonecos, as personagens também o fazem. Apesar disso, ao mesmo tempo em que isso acontece, a criança, ainda que desejando, vive o universo permitido pela fantasia de sua idade. A ela, é permitido recriar um contexto em que o real é tecido por imaginações, projeções que se misturam às experiências viáveis a seu tempo. Contudo, nas narrativas analisadas, vemos um inverso se inscrever na elaboração das personagens, as quais criam situações, muitas delas do campo da imaginação, para que seus objetos afetivos ganhem vida. A projeção está na possibilidade de vida criada por eles, habitantes da solidão e transeuntes entre memórias frágeis e antigas fantasias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANT'ANNA, Sérgio. A boneca. In: _____. *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUENCA, João Paulo. *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____. *Edição Standard Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HOFFMANN, E. T. A. O homem de areia. In: _____. *Contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.